

# Subjetividade, psicologia histórico-cultural e prática do psicólogo na escola

*Subjectivity, cultural-historical psychology and psychologist practice at school*

**Luiza Rodrigues de Oliveira, Valmir Cândido Sbano**

## Resumo

Este artigo é uma construção teórica sobre as contribuições do conceito de subjetividade, com aporte na psicologia histórico-cultural de Vigotski, para analisar a prática do psicólogo nas instituições escolares. Em diferentes décadas, estudos revelam práticas que, embasadas em campos conservadores do saber psicológico e ancoradas em pressupostos epistemológicos reveladores do sujeito a-histórico, produzem exclusão social. Neste texto, defendemos que a ressignificação epistemológica da obra de Vigotski permite que a psicologia histórico-cultural seja aporte para a prática do psicólogo na instituição escolar, desde que circunscrita pelo objeto fundante e pelo método da sua obra - subjetividade reconhecida e dialética histórica.

## Palavras-chave

Subjetividade, Vigotski, Escola

## Abstract

*This paper is a theoretical construction on the contributions of the concept of subjectivity, grounded in the cultural-historical psychology of Vygotsky, in order to analyze the practice of psychologists in schools. In different decades, studies reveal practices, supported in conservative Psychology areas and anchored in revealing epistemological assumptions of the subject ahistorical, that produce social exclusion. In this paper, we argue that the epistemological reinterpretation of Vygotsky's work allows the historical-cultural psychology is contribution to the practice of psychologists in schools, provided that circumscribed by the founding object and the method of his work - recognized subjectivity and historical dialectics.*

## Keywords

*Subjectivity, Vygotsky, School*

## Luiza Rodrigues de Oliveira

UFF

Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Grupo de Pesquisa Abordagem histórico-cultural e práticas sociais.

## Valmir Cândido Sbano

UFF

Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. Grupo de Pesquisa Abordagem histórico-cultural e práticas sociais.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a prática do psicólogo na escola, a partir do aporte da psicologia histórico-cultural. Em diferentes décadas, estudos (PATTO, 1987; FREITAS, 1995; NOVAES, 1996; MEDEIROS E AQUINO, 2011) revelam práticas que, embasadas em campos conservadores do saber psicológico e ancoradas em pressupostos epistemológicos reveladores do sujeito a-histórico, produzem exclusão social.

Para tanto, tomamos como referência, na psicologia histórico-cultural, as formulações de seu principal representante, L. Vigotski, tais como elas vêm sendo retomadas por vigotskianos contemporâneos. Trazer à cena um autor que constantemente é aproximado das vertentes mais conservadoras da psicologia - ou por ter o seu objeto de estudo delimitado pela análise da formação do conceito científico, evidenciando estudos acerca do desenvolvimento do pensamento, ou por ter a fundamentação epistemológica da sua teoria aproximada do reducionismo ao social - requer explicações, em tempos de afirmação da psicologia crítica e de práticas alternativas às vertentes conservadoras.

Mais de três décadas após a publicação do primeiro livro<sup>1</sup> de Vigotski no Brasil (2007), é importante realizar estudos que permitam construir sentidos diferentes daqueles que foram produzidos sobre seus postulados (OLIVEIRA, 1992). Isto requer uma contraposição a partir do que o próprio autor denomina como sendo o método da psicologia por ele proposta - a dialética histórica e o reconhecimento irrevogável do sujeito, que acaba por engendrar formas de intervenção específicas (VIGOTSKI, 1996). E como dizia, há mais de vinte anos, uma das principais analistas da obra de Vigotski, M. Kohl de Oliveira (1992), isso só é possível no âmbito das pesquisas. É importante dar destaque às produções de González Rey (2013, 2010, 2005, 2002), Sawaia (2009), Molon (2010) e Smolka (1995,1993,1992) sobre a subjetividade na psicologia histórico-cultural de Vigotski. Mas, em relação ao recorte do objeto e do método para produzir formas de intervenção nas práticas sociais, os estudos ainda são incipientes, afirmação que pode ser verificada pelo número de trabalhos publicados, pelos estudos revelados em alguns destes trabalhos que se aproximam apenas superficialmente da obra de Vigotski (DACAL, 2012) ou pelas práticas que ainda não constituíram pesquisas.

Neste artigo, defendemos que a resignificação epistemológica da obra de Vigotski permite que a psicologia histórico-cultural seja aporte para objetos de estudo diversos (para além do desenvolvimento infantil e da formação do conceito científico), desde que circunscritos pelo objeto fundante e pelo método da obra do autor (subjetividade reconhecida e dialética histórica). Neste artigo propomos a análise da atuação do psicólogo nas instituições escolares, visando discutir práticas alternativas de intervenção no campo<sup>2</sup>.

## Psicologia histórico-cultural: a teoria-método, hoje

A principal formulação da obra vigotskiana é a centralidade da linguagem e a efetividade social na emergência das funções psicológicas “superiores”, isto é, aquelas que exprimem a criatividade e a liberdade do sujeito, a fim de superar impasses na psicologia, pesquisa e prática: do reducionismo ao idealismo, do objetivismo positivista ao socializante totalitário.

Para trazer à cena esta ideia, é preciso suscitar teses polêmicas nas análises sobre os escritos de Vigotski - a subjetividade e a criatividade e a liberdade do sujeito, o que nega a afirmação recorrente de que o autor recusou o conceito de subjetividade ou o explicou por mero objetivismo.

### 1

A Formação Social da Mente, publicado em 1984.

### 2

Este é objeto de estudo do Grupo de Pesquisa Abordagem histórico-cultural e Práticas Sociais, dos qual os autores fazem parte.

É preciso fazer dois esclarecimentos: é fato que não há na obra de Vigotski o aparecimento do termo subjetividade, mas defendemos, tal como outros analistas, que o conceito está instituído nos textos do autor quando ele afirma o desejo de encontrar o homem criativo mesmo que sob as determinações sociais (SAWAIA, 2009). Aproveitamos a fala sobre o homem criativo para afirmar a liberdade, dita no parágrafo acima, não como o fazem os idealistas, mas no sentido vigotskiano – a constituição do sujeito numa dimensão social, que ele dirá semiótica, não ignora a singularidade; é sobre isso que trata este projeto.

Para muitos críticos de Vigotski, de ontem e de hoje, o autor se aproxima de um superado determinismo social, sobretudo, porque afirma, em alguns textos (1996, 2007), a busca por uma psicologia fiel ao método marxista (MARX e ENGELS, 2015). No entanto, a réplica que ele já fazia a certa forma de apropriação de Marx (COLE e SCRIBNER, 2007), que reduzia o sujeito às condições sociais objetivas, por ele nomeada de ‘marxismo mecanicista’, permite a aposta em seus postulados. A psicologia proposta por Vigotski não pode ser associada à teoria da atividade, tentativa de objetivar o psiquismo pela sua redução às condições sociais objetivas.

Baseando-se nos princípios do método dialético de Marx, para o qual todos os fenômenos são processos em movimento e em mudança, dentre eles as ditas funções psicológicas superiores, a análise da obra de Vigotski permite sustentar que subjetividade é processualidade, que supera o sujeito da lógica cartesiana em direção à ideia de sistemas psicológicos que ocorrem no processo de individuação e diferenciação do homem inserido social e historicamente em uma cultura. E mais do que isso, a compreensão da subjetividade só se dá pelo conhecimento das contradições de sua organização. Isto é, o processo de subjetivação acontece em um cenário de conflitos, réplicas, contradições, tensões, no mundo de significações concretas.

O método, então, engendra o conceito de subjetividade na obra do autor, o que é uma aposta na singularidade imbricada na cultura. O cultural se apresenta ao sujeito a advir e em engendramento, com seus recortes macroscópicos e microscópicos, como outro (fala exterior/fala social) e é neste mesmo processo que o sujeito se constitui (VIGOTSKI, 1996). Este é o drama, termo caríssimo a Vigotski, constitutivo da subjetividade (VIGOTSKI, 2000), que é produzida em vários planos genéticos: filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese, conceito que vem sendo burilado de forma especialmente rica pela produção vigotskiana contemporânea. (OLIVEIRA, 1992; WERNER, 2015). A subjetividade é, assim, como processo em constante transformação – em cada momento de interação com o outro da cultura, o sujeito ressignifica e reposiciona o conteúdo da fala exterior. Este fenômeno é nomeado por Vigotski de atividade criativa. Em síntese, o sujeito não é passivo diante da realidade e nem é um intérprete do real a partir do desenvolvimento de a-históricas, individualísticas e milagrosas ideias; mas, é, sim, pela reconstrução microgenética do nível interpsicológico (VIGOTSKI, 2009; 2007).

Vigotski desconstrói a premissa de essência humana pré-social, como fato essencial e imutável, e ressignifica a subjetividade como processo. É a isto que Vigotski nomeia de desenvolvimento – a produção histórica e cultural da subjetivação, o que não deve ser confundido com a clássica psicologia do desenvolvimento (de matriz correntemente piagetiana) e seus ideais de estudos acerca do sujeito universal.

Vigotski buscou a ruptura com os reducionismos sobre os quais a psicologia se formou, dando centralidade à linguagem e ao social, mas não a linguagem do empirismo fonético ou a da abordagem que dá ao fato linguístico ares de criação individual. O conceito de sentido, presente nos

últimos textos do auto (2013a, 2013b), permite tirar da categoria de subjetividade a perspectiva naturalizante.

Segundo Vigotski, o significado da palavra é composto pelo significado propriamente dito – convenção arbitrária estabelecida entre o significante e o significado que compõem um signo (fala exterior) – e o sentido – o que indica o significado da palavra para cada indivíduo (fala interior). Assim, o sujeito se constitui pela internalização (fala interior), sempre microgeneticamente recriadora, e por isso inantecipável, de processos intersicológicos (fala exterior). São as dinâmicas do aprendizado que movimentam o desenvolvimento, sendo fundamental a mediação de outros, a mediação da cultura. Portanto, o processo de subjetivação acontece com uma intervenção do outro, que dá sentido a como ser numa e a como pertencer a uma determinada cultura.

É o processo dialético entre fala interior e fala exterior que constitui a subjetividade. A fala da criança, que é inicialmente e essencialmente social, é transferida para a esfera da criatividade subjetiva emergente. Logo, entende-se que os padrões de comportamento, o conhecimento já circulante na cultura, são internalizados, pela mediação da fala egocêntrica. Porém, não é esta uma via de mão única, pois a fala interior, atravessada de apropriações microgenéticas, retorna em atividade criadora, o que evidencia a dialética na constituição do sujeito.

Além da atividade reprodutiva, é fácil notar no comportamento humano outro gênero de atividade, mais precisamente a combinatória ou criadora. Quando, na imaginação, esboço para mim mesmo um quadro do futuro, digamos, a vida do homem no regime socialista, ou o quadro de um passado longínquo de vida e luta do homem pré-histórico, em ambos não reproduzo as impressões que tive de sentir alguma vez. Não estou simplesmente restaurando a marca de excitações anteriores que chegaram ao meu cérebro, pois nunca vi, de fato, nem esse passado nem esse futuro. Apesar disso, posso ter a minha ideia, a minha imagem, o meu quadro (VIGOTSKI, 2009, p. 13).

A ruptura com o conceito de sujeito organizado e a ressignificação da subjetividade como processo das formas culturais de relação nos revelam a prática dos homens historicamente situados. Portanto, não cabe na psicologia histórico-cultural vigotskiana, nem a de seu tempo, nem a do nosso, o significado de universalidade dada aos conceitos de sujeito e de instituição.

Esta forma de re colocação do método da psicologia produz outro modo de intervenção no real. Para Vigotski, o método não se dá simplesmente pelo trato do fenômeno humano como fato social, não se dá pela sua redução ao biológico ou aos princípios da introspecção (psicocentrismo ingênuo), e também não é possível pela ‘observação clínica’ de Piaget, pois não há sujeito para ser conhecido ‘de fora’ pelo pesquisador. Como a subjetividade se constitui no processo de intersubjetividade, é nas atividades práticas, é nas interações que devemos ‘compreender’ o sujeito. Para discutir esta perspectiva de compreensão, aproximamo-nos de outro autor, Bakhtin (2011), que, tal como Vigotski, afirmava o método da dialética marxista como forma de superação dos reducionismos nas ciências humanas.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 137).

Não é possível a apropriação de uma realidade dada, mas a construção, produção dessa realidade; o que faz com que uma categoria de análise tenha ares de especulação, no sentido mesmo da compreensão bakhtiniana – “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica”. Ao pensar a atuação do psicólogo nas diversas práticas sociais, tomamos o mesmo método como referência, pois a epistemologia da dialética, defendida por Vigotski e Bakhtin, ao romper com a representação dos processos lineares de determinação, institui a plurideterminação, o que remete ao que alguns chamam de práxis e aos múltiplos fazeres, múltiplas técnicas – isso não significa a totalidade das técnicas fragmentadas, mas as diversas possibilidades do campo.

A psicologia histórico-cultural, assim, anuncia réplicas aos conceitos de sujeito, de método científico e também de intervenção nas diversas práticas sociais. Este último ainda pouco contemplado nos estudos sobre a teoria vigotskiana. Dito isto, discutimos a prática do psicólogo nas instituições de educação, com a esperança de que um novo sentido dado à subjetividade, ao método e à intervenção, a partir da psicologia histórico-cultural, possibilite também novas aproximações da psicologia com as instituições de educação. Esta produção de novo sentido passa pela formação e pela prática do psicólogo, e traz à cena certas questões: como atuar nas instituições de educação para além das práticas que instrumentam o controle e a exclusão, engendradas pela psicologia? A esta questão antecipamos outra: como hoje está se constituindo a prática do psicólogo nas relações concretas dos espaços de educação. Esta busca de compreensão - no sentido bakhtiniano do termo - é condição para lidar com o que está instituído na prática e no campo teórico. O pressuposto é que a compreensão do campo de atuação do psicólogo nos espaços de educação possa revelar outras práticas, para além das que estão instituídas, e, assim, também fazer avançar o campo teórico.

## **A resignificação das relações entre a psicologia e a educação para além do manual**

As condições iniciais da psicologia, com as quais Vigotski se defrontou, exigiam a positividade do método cartesiano e a elaboração de práticas com fins de adaptação do homem à sociedade. E as consequências disso produziram uma questão que é muito cara à psicologia – fonte de muita tensão e discordância: teorias, métodos de pesquisa e formas de intervenção que remetem ao que é singular e àquilo que é universal nos vínculos entre o sujeito e a realidade. Um dos recortes que pode ser feito para a análise da prática do psicólogo nas instituições de educação, tema deste projeto, é o que possibilita uma discussão exatamente entre o singular e o universal. É possível identificar que a Escola foi a instituição produzida especificamente para colocar em cena o controle e os processos de adaptação próprios da sociedade moderna. Portanto, esta instituição de educação formal tornou-se um dos grandes cenários de investigação e de exercício da prática profissional para o psicólogo. No entanto, a inserção do profissional de psicologia nesta instituição vem sendo estabelecida a partir de alguns conflitos que revelam formas de intervenção profissional produzidas por diferentes aportes teóricos e modos de investigação.

A interface entre a psicologia e a educação vem cada vez mais sendo circunscrita por pesquisas rubricadas como psicologia do desenvolvimento, que trazem à cena a tensão entre o singular e o universal, muitas vezes produzindo a prática do profissional de psicologia como instrumento de exclusão. Esta afirmação pode ser entendida pela abordagem que, ao buscar o sujeito universal, nega a importância da diferença e institui como objeto de estudo suposto desenvolvimento de processos mentais subjacentes ao desempenho de diferentes sujeitos em diferentes tarefas. O que se procura é

o entendimento daquilo que é universal no funcionamento mental. A Epistemologia Genética de J. Piaget é a grande representante desta abordagem, pois busca a universalidade do sujeito epistêmico no desenvolvimento da lógica do pensamento infantil à lógica do pensamento adulto, procurando descobrir as estruturas intelectuais propiciadas pelo funcionamento mental universal em interação com o ambiente.

Esta abordagem nega a importância da diferença entre os sujeitos para a compreensão do funcionamento psicológico: as contingências das histórias singulares não são centrais para a investigação, nem a sociogênese desses sujeitos. Portanto, utiliza um método de pesquisa que, ao tentar identificar as características universais, promove uma forma de observação do fenômeno humano, método clínico piagetiano, que é expresso por técnicas de pesquisa que promovem o afastamento entre o pesquisador e os atores sociais. Este modo de entender a relação entre o singular e o universal institui um vínculo entre a psicologia e a educação que produz formas de intervenção que objetivam o ajustamento da criança à escola e à sociedade, que proporcionariam condições propícias ao desenvolvimento.

Mas, o discurso e a prática questionadores dos processos de exclusão não podem ser instituídos apenas pelo ideal humanista a-histórico, como panfleta o multiculturalismo americano, mas pela via de práticas que revelam e são reveladas por subjetividades em processo.

É preciso criar novos vínculos entre a psicologia e a educação, promovendo práticas em psicologia para além daquelas que obstaculizam os processos de diferenciação e promovem a exclusão. Uma delas - que pode ser representada pela abordagem histórico-cultural de Vigotski - propõe uma perspectiva sócio-histórica que expõe a relação do homem com o mundo não como uma relação direta, mas mediada por discursos e práticas sociais. O que se procura, portanto, não é o sujeito universal, mas as subjetivações produzidas nas relações concretas das instituições. Esta abordagem institui outro método de investigação, que traz em sua concepção uma forma de intervenção que prevê a aprendizagem como um processo essencialmente social, que busca não o desenvolvimento das potências individuais, mas a expressão da cultura e a possibilidade de sua transformação. Logo, o vínculo entre a psicologia e a educação, neste modelo, produz formas de intervenção que objetivam a atividade criadora e não a adequação do sujeito à escola e à sociedade.

Esta perspectiva pode inventar outra possibilidade para a prática do psicólogo nas instituições, no caso específico nas de educação formal e não formal. A busca de compreensão do campo, a partir dos conflitos, das réplicas, das diferenças da singularidade, é condição para lidar com o que está instituído nas relações concretas. O que pretendo é que a compreensão do modo de atuação do psicólogo nos espaços de educação possa revelar outras práticas, para além das que estão instituídas.

Invenção esta que traz um frescor não somente para a prática, mas, também, para o campo teórico, haja vista ser a contribuição vigotskiana recorrentemente associada apenas aos estudos do processo de formação do conceito científico. Assim, a tentativa de aproximá-la de outros objetos, tal como a prática do psicólogo, é também criação no campo de aproximação entre esta psicologia e a educação.

## Considerações Finais

A psicologia, em sua origem, com pretensões à cientificidade, escapou à ordem do sentido, das relações concretas, e tomou o homem como objeto de estudo e de intervenção, no modo da experimentação, do alheamento. Constituir novas formas a partir dos conceitos de subjetividade, de método de pesquisa e de intervenção é também escolha política no campo da

psicologia e da educação, que revela um operador ético para além da racionalidade a-histórica, dos sujeitos etiquetados e da prática tecnicocientocrática.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 28/05/2016

**Aceite:** 08/12/2016

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M./VOLOCHINÓV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13 edição. São Paulo: HUCITEC, 2009.

COLE, M. e SCRIBNER, S. Introdução. IN: VIGOTSKI, L. **A Formação Social da Mente**. 7 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DACAL, M.D.P.O. **Significados e Sentidos das práticas psicológicas no contexto de um hospital geral**: uma construção dos profissionais de saúde. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2012.

FREITAS, M. T. A. de. **Vygotsky e Bakhtin – psicologia e educação**: um intertexto. 2 edição. São Paulo: Ática, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. A psicologia soviética: Vigotsky, Rubinstein e as tendências que a caracterizaram até o fim dos anos 1980. IN: JACÓ-VILELA, A.M.; FERREIRA, A.A.L. e PORTUGAL, F.T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. 3 edição. Rio de Janeiro, NAU, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade – os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

\_\_\_\_\_. e GÓMEZ, A.D. Subjetividad: una perspectiva histórico cultural. **Univ. Psychol.** Bogotá (Colombia), 4 (3): 373-383, octubre-diciembre de 2005.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2002.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 1 edição. 3 reimpressão. São Paulo: Boitempo editorial, 2015.

MEDEIROS, L.G. E AQUINO, F.S.B. Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino: Concepções e práticas. **Psicol. Argum.** 2011 abr./jun., 29(65), 227-236

MOLON, S. I. **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky**. 3 edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOVAES, M. H. Perspectivas Para o Futuro da Psicologia Escolar. In: WECHSLER, Solange Múglia (Org.) **Psicologia Escolar**: pesquisa, formação e prática. Campinas: Editora Alínea, 1996.

OLIVEIRA, M.K. de. Vygotsky: alguns equívocos na interpretação de seu pensamento. **Cad. De Pesq.** São Paulo, n. 81, p. 67-84, maio de 1992.

PATTO, M.H.S. **Psicologia e Ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: Queros editor, 1987.

SAWAIA, B. Psicologia e Desigualdade Social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 364-372, 2009.

SMOLKA, A.L.B. The Constitution of the subject: a persistent question. IN: WERTSCH, J. ET alii. **Sociocultural studies of mind**. New York, Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_ Construção de conhecimento e produção de sentido: significação e processos dialógicos. **Temas de Psicologia**, 1, p. 7-15. Ribeirão Preto, Soc. Brasileira de Psicologia, 1993.

\_\_\_\_\_ Internalização: seu significado na dinâmica dialógica. **Educação e Sociedade**, 42, p. 328-335. Campinas, Cedes/Papirus, 1992.

VIGOTSKI, L. El instrumento y el signo en desarrollo del niño. **Obras Escogidas** – VI. Madrid: Editorial Pedagógica, 2013a.

\_\_\_\_\_ Doctrina de las emociones. Investigación histórico-psicológica. **Obras Escogidas** – VI. Madrid: Editorial Pedagógica, 2013b.

\_\_\_\_\_ **Imaginação e Criação na Infância**. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_ **A Formação Social da Mente**. 7 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_ Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n71, Julho/00

\_\_\_\_\_ **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WERNER, J. A relação linguagem, pensamento e ação na microgênese das funções psíquicas superiores. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 33-38, jan.-abr. 2015.